

**Para ler as letras:** MARIA HELENA CAMPOS DIAS (MG)  
**Comendador:** LETÍCIA TAVARES CAVALCANTI (PB)  
**Presidência:** MARIA DE MOLINA RIBEIRO (PB)

Na avenida movimentada, em fibra de vidro, a figura laranja e branco de uma moderna banca de jornais. Do lado de fora, oferecidos à leitura de qualquer par de olhos, mesmo os menos atentos, em curiosa vitrine, a primeira página de jornais, capas de revistas, posters eróticos ou cartazes anunciando a mais recente publicação. Dentro, jornais diversos, poderosos ou nanicos, revistas femininas de moda, estórias de amor, fotonovelas, culinária, cultura física, trabalhos manuais, revistas eróticas, promissora-mente embaladas em plástico ou com tarjas censoras, para todos os gostos e níveis sociais, gênios da pintura e da literatura, gênios menores do livro de bolso, enciclopédias as mais diversas e discos de música clássica e popular, guias de duas e quatro rodas e, finalmente, para a garotada álbuns de figurinhas e um se número de histórias em quadrinhos.

Diversos nomes e classificações procuram reduzir a diversidade de tantas produções: literatura erudita, literatura erótica, cultura de elite, cultura de massa, cultura popular, indústria cultural, e daí por diante com rótulos que variam conforme a posição de quem rotula.

Atrás de todas essas mensagens, fio invisível costurando os retalhos desta colcha, o desvelo de uma sociedade que tudo provê para todos e para cada um.

São trapos coloridos de um estranho festival de liberdade e afluência<sup>1</sup>. Através deles a sociedade se significa.

Eu disse fio e fio sugere uma possível ligação, algo que perpassa a diversidade dando-lhe um caráter de todo, desconexo, às vezes, mas todo, totalidade. Que fio é esse que une mensagens são diversificadas ao nível da produção e do consumo? Como ler estas letras?

Este texto é simultaneamente o relato de uma experiência em cursos de Teoria de Literatura<sup>2</sup>, uma reflexão sobre o problema da leitura e sobre a própria instituição Faculdade de Letras.

---

01 - A expressão é usada por H. Marcuse em *A ideologia da sociedade industrial*. Rio, Zahar, 1973.

02 - Trata-se de um trabalho que vem sendo realizado há dois anos por mim e pelas professoras Haydée R. Coelho, Ivete Lara Camargos Walt, Maria das Graças R. Paulino, Nancy Maria Mendes e Vera Lucia Carvalho Casa Nova.

Do ato de ler pode-se afirmar que se trata de uma operação complexa que envolve processo de codificação e descodificação numa alternância de papéis entre emissor e receptor. Ler não é, portanto, simplesmente juntar letras que formam sílabas que por sua vez formam palavras que constituem frases arranjadas em períodos, parágrafos, etc. Há algo além do  $b + a = ba$  que escapa ao próprio processo de alfabetização tal qual praticado em nossas instituições de ensino, Paulo Freire nos lembra que “a compreensão crítica do ato de ler não se esgota na descodificação pura da palavra ou da linguagem escrita, mas que se abriga na inteligência do mundo”<sup>3</sup>. Desta forma, a leitura do mundo precede à leitura das palavras e esta remete àquela crescida da visão crítica<sup>4</sup>.

Essa leitura crítica se transforma numa operação complexa, desequilibradora, desveladora. Ler as mensagens produzidas por uma sociedade determinada é ler essa mesma sociedade. A compreensão crítica dos textos leva a uma compreensão crítica da própria sociedade que o produz e qu neles se inscreve. Há um entrelaçamento dinâmico entre linguagem e realidade, fenômenos de sentido e sistema produtivo.

Algumas considerações de Voloshinov-Bakhtin<sup>5</sup> sobre a relação entre o signo e a vida social nos fornecem fecundo suporte teórico. Assim lemos que “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso, na comunicação sócio-ideológica”<sup>6</sup>, ou, “a palavra, como sabemos, reflete sutilmente as mais imperceptíveis alterações da existência social”<sup>7</sup>, ou ainda “o signo e a situação social em que se insere estão indissolúvelmente ligados. O signo não pode ser separado da situação social sem ver alterada sua natureza semiótica”<sup>8</sup> e, finalmente, “realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico, e portanto também o signo lingüístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinado”<sup>9</sup>.

Vistos dessa perspectiva, os fenômenos de sentido trazem em si as marcas do sistema produtivo que os engendrou, o que lhes dá uma configura-

---

03 – FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In. Resumos 3º Congresso da Leitura do Brasil. Campinas, nov. 1981.

04 – Idem, *ibidem*.

05 – BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*.

06 – Idem, *ibidem*. p. 29

07 – Idem, *ibidem*. p. 32

08 – Idem, *ibidem*. p. 48

09 – Idem, *ibidem*. p. 30

ração social e histórica e os coloca sob o mesmo regime de forças que rege o próprio sistema.

Estabelece-se a partir daí uma relação entre produção, produto, circulação e consumo somente apreensível a partir de uma análise que se concentre sobre o produto e remeta às condições de sua produção, que são também aquelas que regem simultaneamente a organização de sua distribuição e consumo<sup>10</sup>. O contexto adquire, assim fundamental importância na compreensão das diversas mensagens e não mais é considerado uma dimensão enterna e sim “a tradução da realidade no texto”<sup>11</sup>.

A própria noção de texto se amplia e toda a prática social, isto é, a economia, os costumes, a “arte”, etc., passa a ser considerada como um sistema significativo, estruturado como uma linguagem<sup>12</sup>.

A perspectiva semiótica, por não privilegiar nenhum tipo de mensagem em particular, representa uma significativa contribuição na diluição das fronteiras entre os diferentes textos; dessa forma, as classificações antes referidas, arte de elite, arte popular, arte de massa, literatura de consumo, arte superior, arte inferior, realidade e ficção adquirem uma mesma realidade discursiva.

Importa assim, no que se refere a essas diversas práticas significantes, não o estabelecimento de fronteiras rigorosamente (ou não) demarcadas e sim o questionamento da própria existência, necessidade e significação dessas mesmas fronteiras.

Numa sociedade complexa como a nossa, a diversidade de modos de vida desagua numa correspondente diversidade da produção simbólica. Marilena Chauí nos lembra que “além de fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem idéias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural”<sup>13</sup>. Essas representações compreendem a produção simbólica dos diferentes segmentos sociais que, ao produzi-las nelas se inscreve. São conseqüentemente, perpassadas pelos traços mais marcantes do sistema produtivo, ou seja, a divisão social do trabalho e a luta de classes.

A classificação e demarcação das fronteiras entre essas produções também faz parte das representações de que fala Chauí. Assim, o próprio

---

10 — COHN, Gabriel. *Sociologia da comunicação*. S.P., Pioneira, 1973, p. 155.

11 — KOTHE, Flávio. *Para ler Benjamin*. Rio, Francisco Alves, 1976, p. 62.

12 — KRISTEVA, Júlia. A semiótica, ciência crítica ou crítica da ciência. In: — *Introdução à semiótica*. São Paulo. Perspectiva, 1974, p. 27.

13 — CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. S.P. Brasiliense, 1980, p. 21.

conceito de literatura e os juízos de valor dele decorrentes refletem o modo de pensar da ideologia dominante.

Outra contribuição metodológica da semiótica é a compreensão de seu próprio lugar na análise das práticas significantes, isto é "lugar de contestação e de autocontestação: um 'círculo' que não se fecha", "crítica da semiótica que leva a outra coisa que não à semiótica: à ideologia"<sup>14</sup>.

A ideologia é a categoria que permite articular no plano analítico sistemas simbólicos e sistemas sociais. Essa articulação, o fio a que me referi no início deste ensaio, não se dá a perceber ao nível do conteúdo manifesto. Impõe-se, portanto, "desvelar o trabalho constitutivo da significação anterior ao sentido produzido e/ou ao discurso representativo"<sup>15</sup>, ou seja, decodificar os mecanismos ideológicos subjacentes ao aparato retórico dos discursos.

A semelhança da outra cena apontada por Feud relativamente aos indivíduos emerge também uma outra cena da vida social<sup>16</sup>.

Desvendar a cortina que vela essa "outra cena" da vida social é compreender seus móveis, as estratégias de poder nela embricadas, atividade que desafia todo aquele voltado para a tarefa da leitura na sua dimensão mais profunda. Conforme mencionado anteriormente este tem sido o trabalho desenvolvido por um grupo de professores de Teoria da Literatura na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais com alunos do primeiro semestre dos seus vários cursos. Ancoradas nas reflexões teóricas anteriormente expostas e colocando-nos no centro mesmo da vida social procuramos assumir o controle dos fios que nos regem e compreender o discurso que nos fala.

A moderna banca de jornais se transpõe para o centro da sala de aula e transforma-se num programa de curso em que são analisadas criticamente várias das produções simbólicas de nossa sociedade.

O ponto de partida de tal trabalho é a idéia de que todo texto é ideológico em sua produção no sentido de que é engendrado pelo sistema produtivo que nele se inscreve. Isto, entretanto, não significa que tudo se reduza às dimensões do ideológico. E aqui vem um segundo ponto básico: mesmo ideológico, um texto, pela sua especificidade produtiva, pode desvelar a fonte produtora, abrindo espaços para seu próprio questiona-

---

14 — KRISTEVA, Júlia. *Op. cit.* p. 31.

15 — *Idem*, *ibidem*. p. 37

16 — ENRIQUEZ, Eugênio. Imaginário social e recalçamento e repressão nas organizações. In: *A história e os discursos*. (36/37) Rio, Tempo Brasileiro, 1974. p. 55.

mento. Verifica-se o que Eliseo Verón<sup>17</sup> denomina efeito de cientificidade. A este contrapõe-se o efeito ideológico, caso em que a mensagem se volta para a fonte produtora não no sentido repensá-la mas no de realimentá-la, reduplicá-la. Procedede-se assim à análise da especificidade discursiva de cada texto, suas condições de produção e de recepção, bem como as de sua circulação.

O trabalho se inicia com uma análise comparativa de jornais. Geralmente são escolhidos cinco jornais do mesmo dia e de locais diferentes (temos ficado no eixo Rio-São Paulo-Belo Horizonte por questões de limitações técnicas). Neste momento, os alunos literalmente sujam as mãos com os jornais uma vez que não são poucos os que confessam não ter na sua leitura hábito regular. É uma forma de jogar a vida real dentro da escola na vida. É, então, feito um levantamento do material da primeira página levando-se em conta as notícias escolhidas para essa que é uma espécie de vitrine do jornal. São considerados os caracteres usados, tamanho e cor das letras das manchetes, presença ou não de fotos, etc. bem como suas implicações para o conteúdo das matérias. Segue-se uma visão global do jornal compreendendo as diversas seções que o compõem, bem como o espaço dedicado a cada uma delas, a presença de matérias assinadas, anúncios e editoriais. A essa primeira etapa, de caráter mais descritivo, segue-se uma leitura comparativa dos assuntos abordados procurando detectar as diferentes versões de um mesmo acontecimento e suas implicações ideológicas; o que foi omitido e o que foi enfatizado, o espaço de fala do poder e o dos discursos contestatórios, o noticiário econômico e o policial bem como as possíveis relações entre eles.

Tal análise permite a emergência das contradições sociais e a detecção dos mecanismos de racionalização dessas mesmas contradições. Desvelam-se também as estratégias de poder e sua dimensão persuasiva. A realidade camuflada emerge completa e contraditória e o trabalho se revela uma prática de leitura extremamente rica e fecunda.

A persuasão estabelece a transição para o segundo módulo constituído pelo discurso publicitário. Estuda-se o anúncio em seus aspectos técnicos, em suas relações com o mecanismo de consumo e em sua função ideológica. Desvenda-se a cortina de uma mensagem altamente positiva, de um mundo ideal onde as crises, carências e contradições são mencionadas unicamente para serem resolvidas pelo objeto ou serviço anunciado; O anúncio é compreendido como o porta-voz de um sistema que ao mesmo tempo gratifica e reprime. Ao tematizar, em várias de suas mensagens a liberdade de escolha, o discurso publicitário camufla a ausência de uma efeti-

---

17 - VERÓN, Eliseo. *Sémiosis de l'idéologie et du pouvoir*. (28) Communications, Paris, 1978.

va participação social favorecendo, conseqüentemente, as relações de dominação.

Na medida em que se constitui numa produção simbólica voltada para o lucro e maciçamente divulgada pelos **mass media** a publicidade faz parte do universo da indústria cultural. E este é o objeto dos módulos seguintes. Alternadamente são estudados a produção em quadrinhos desde Walt Disney a Mafalda passando pelos super-heróis, Henfil, Maurício de Souza, Lor e outros, sem esquecer as fotomodels. A partir de um estudo da linguagem em sua dimensão verbal e visual, da caracterização das personagens, do ponto de vista da narrativa e do espaço em suas diferentes configurações, emergem as diversas formas de representação social, o espaço (ou a ausência de) para a emergência da consciência crítica e da criatividade. São abordados também aspectos referentes às relações de dominação, ao imperialismo cultural nessa que é talvez a única forma de leitura de grandes segmentos sociais e que se apresenta através de uma estratégia de mídia e de comunicação extremamente eficazes.

A questão entre uma produção para o povo ou do próprio povo introduz o estudo da cultura popular. O que é, em que consiste, como as caracteriza, quais as relações que tem com as outras produções simbólicas da sociedade são colocações que dão aos alunos a perspectiva da complexidade da cultura popular, do risco de atitudes populistas, elitistas ou paternalistas relativamente às suas mensagens. As paredes da sala de aula mais uma vez se ampliam para comportar a viva voz de cantadores, poetas, repentistas que nos levam suas composições, o cordel, o desafio, a emboлада e suas narrativas plenas de vida. A afirmação de Paulo Freire<sup>18</sup> a respeito da procedência da leitura do mundo à leitura das letras se faz sentir vivamente através da produção de seres analfabetos, postos à margem da cultura oficial ou então tratados como curiosos espécimes, peças de museu. O museu do folclore.

Outros tipos de textos se revezam com os já citados. Assim é com a narrativa fílmica, com o livro de bolso, com a telenovela, com o desenho animado ou com a música popular.

O objetivo geral é dar ao aluno de letras — futuro professor — a dimensão da multiplicidade e da complexidade da produção simbólica de nossa sociedade nele situando o que se convencionou chamar texto literário.

A convivência com textos são diversos e sua determinação social viabiliza, tornando-a mais concreta, a concepção do texto como mosaico de citações e como um diálogo de textos a partir das colocações sobre intertextualidade, paráfrase e paródia feitas por Bakhtine e Kristeva.

---

18 — FREIRE, Paulo. Op. cit.

A partir dessas perspectivas e relacionado a outras práticas textuais, o conceito de literatura se problematiza e enriquece. Não se trata de considerá-la como uma produção que se sobrepõe às demais, circunscrita a um espaço especial, asséptico, forma superior de arte. Procura-se, ao contrário, compreendê-la como igualmente vinculada ao sistema produtivo, sujeita às contradições sociais, à luta de classes e às estratégias de poder que percorrem as malhas da trama social.

O problema do conceito de literatura, uma das fortes razões de ser deste tipo de trabalho ora desenvolvido, constitui objeto de outra etapa dos nossos cursos juntamente com os estudos de poesia e ficção.

Pode-se perguntar ainda o que tem a ver tais atividades com uma Faculdade de Letras? De fato, a tradição atribui a estas instituições uma imagem de seriedade, voltada para os altos valores da cultura e das letras, as belas, quero dizer. A língua que nelas se estuda tem como parâmetro a praticada pelos grandes clássicos e pelos estratos cultos da população. A literatura estudada também é selecionada a partir de critérios que excluem e marginalizam grande parte da produção simbólica considerada inferior ou desprovida de valor estético. Como disse anteriormente, estas distinções e os juízos de valor que as informam ou que delas decorrem são expressões da ideologia da classe dominante que transforma suas "idéias particulares em idéias universais de todos e para todos os membros da sociedade"<sup>19</sup>. São nas palavras de Marilena Chauí, universais abstratos uma vez que não correspondem a nada de real e concreto (a não ser a própria dominação do eu). No real existem concretamente classes particulares e não uma desistoricizada universalidade humana.

Assim, as Faculdades de Letras cumprem seu papel na hegemonia do todo social e dão da realidade uma imagem abstrata e uniforme. Fora delas, o mundo palpita divergência e complexidade. Sua situação institucional contribui para reforçar uma relação imaginária do homem (aluno que será professor de outros tantos alunos) com suas reais condições de existência.

Disse no início e repito que a atividade da leitura assim concebida é uma atividade desveladora do mundo, portanto, desequilibradora e geradora de desordem se confrontada com as expectativas do senso comum.

A escola — sobretudo nos países ditos em desenvolvimento — não mais pode se confinar à exigüidade de suas paredes e verbas mas deve abrir se para o mundo no sentido de transformá-lo.

E se ainda dúvidas houver, é bom lembrar que são Faculdades de Letras, sem adjetivos ou restritivos.

---

19 — CHAUI, Marilena. Op. cit. p. 95.

---

## MARIA HELENA RABELO CAMPOS

- GRADUAÇÃO: Faculdade de Letras – UFMG, Licenciada em Português e Inglês. (1962 a 1965)
- PÓS-GRADUAÇÃO: Mestre em Literatura Brasileira. Dissertação: **O Canto da sereia; uma análise do discurso publicitário**, defendida em 21/08/81. Comissão Examinadora: MARIA LUIZA RAMOS (Orientadora), VERA LÚCIA DE CARVALHO CASA NOVA (UFMG) e ROBERTO MOREIRA (UNB).
- PROFESSORA TITULAR (substituta) de Teoria Literária na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria da UCMG (1966 a 1970). Atualmente licenciada.
- PROFESSORA Assistente de Teoria da Literatura na Faculdade de Letras da UFMG, desde 1966.

### OBRAS PUBLICADAS

- Automatismo e perceptibilidade: o estranhamento no anúncio. In: *Letras de Hoje*, PUC-RGS, março de 1975.
- Debate à conferência: A publicidade portuguesa e a revolução de 1974.
- Propaganda e ideologia: uma abordagem Semiótica. In: **Ensaio de Semiótica**: (Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura), Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte 1979.
- Canto e plumagem: a retórica da publicidade. In: **Ensaio de Semiótica** (Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura). Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 1981.